



Ruínas da diáspora

Outro lugar, de Luís S. Krausz

Alexandre Braga*

O ano era 1984 quando o narrador do romance *Outro lugar*, de Luís S. Krausz, adquiriu uma passagem para Nova York, dando início a um périplo simultaneamente geográfico e psicológico pelos meandros da memória judaica, coletivamente construída e preservada, mas individualmente assimilada por um hábil ficcionista, cujas palavras são responsáveis não só por erguer testemunho subjetivo de um pertencimento cultural, mas também por comunicar o sentimento de busca por abrigo ou refúgio perante um cenário de crise e ruína.

É precisamente em seu caráter dialógico que a memória comparece à tessitura da escrita de Krausz: não se elabora memória individual fora do âmbito de uma memória coletiva, da mesma forma que a memória coletiva não se constitui alheia às imagens organizadas pela esfera da memória subjetiva. Nesse sentido, se o narrador de *Outro lugar* toma de empréstimo as reminiscências de amigos, familiares, colaboradores e demais participantes dos relatos, contribui, em movimento recíproco, para uma permanente reconstrução imagética coletiva.

A recriação da memória de um Brasil em processo de redemocratização – dinâmica pontuada desde o primeiro capítulo da

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

narrativa – dispara ricas reflexões do narrador a respeito do espírito do tempo, fator de fundamental importância na reconstituição de fatos passados. Como é típico da narrativa em primeira pessoa, o desdobramento do narrador em eu narrante e eu narrado gera um distanciamento cronológico entre a persona que apresenta ao leitor os relatos e o homem que viveu experiências em um tempo remoto, fazendo incidir sobre a matéria linguística um olhar inexoravelmente crítico. Nessa lógica, camadas de vivências distintas acumulam-se no ato de plasmar a memória, tornando a narração do passado refém do ponto de vista do presente – aspecto que, paradoxalmente, enriquece a literatura.

Neste presente de transições em que se insere, o narrador de Krausz deixa a nostálgica São Paulo em que se criou – “fastest growing city in the world”, como enfatiza, a todo tempo, o livro de fotografias carregado pelo parceiro de viagem René Liviano – para se aventurar no cosmopolitismo nova-iorquino, perpetuando o movimento de deslocamento geográfico intrínseco à história de todo o seu povo. Também seus pais, judeus do Leste Europeu, precisaram migrar para o Brasil devido à ameaça antissemítica em seu local de origem. Embora a viagem para a Big Apple não tenha as mesmas motivações, dispara uma fatal diáspora, que se constitui marco inicial de um consistente projeto literário que, ao saber de onde partiu, entende bem aonde quer chegar: um turvo, porém pulsante limiar entre ficção e memória.

Ao transpor distâncias continentais a bordo de um avião das Aerolineas Argentinas, o narrador faz um pacto com o desconhecido, abraçando as incertezas de seu “exílio” no mais prototípico cosmopolitismo. Assim, descortina-se na crise uma

oportunidade: a de tatear, no corpo social urbano, para o qual esse narrador é estrangeiro, seu lugar no mundo; definindo as fronteiras da diáspora perpetuada pela sua jornada, mapear seu próprio desterro. Forasteiro em terras estranhas, ele pertence, paradoxalmente, ao mundo inteiro.

Nesse aspecto, o protagonista de *Outro lugar* só consegue empreender uma viagem catabática a seu próprio núcleo pelo amálgama com o outro. Apartado de sua origem, entrega-se a digressões sobre seu amigo René Liviano, sobre a atriz do *Opium*, sobre a amiga húngara de São Paulo, sobre *Herr Winternigg* – em suma, sobre todos aqueles que, em oposição a seus traços e suas percepções, ajudaram a constituir sua identidade. Perdendo-se para se encontrar, o narrador tece o romance à custa da costura de retalhos, fragmentos, que, como em um mosaico de *patchwork*, compõem uma imagem plural em pontos de vista; atravessada à agulha do ficcionista, a implacável linha do tempo.

Tamanho estranhamento, provocado pelo salto no abismo, não poderia encontrar correspondência mais precisa do que na forma literária adotada pelo narrador, que, entregue à ânsia de narrar, traduz o impulso de busca de um refúgio. A verborragia de extensos períodos, atravessados por muitas vírgulas, a perder de vista seus pontos, assinala o fluxo de consciência a partir do qual é mediada a experiência desse narrar, encontrando, no abrigo seguro da literatura, um lugar precioso para a ruína memorial. O atravessamento de ideias e associações, bem como a inserção de comentários parentéticos, marca uma prosa de inigualável vazão e ímpeto, engenhosamente organizada

em capítulos que restituem ao leitor o fôlego esgotado no avançar dos parágrafos.

Outro recurso explorado com êxito pela narrativa é a fotografia. Presente desde os primeiros capítulos do romance, sob a participação do amigo René Liviano nas reflexões do narrador sobre São Paulo, a fotografia também encerra o último relato, a respeito de *Herr Winternigg*, profissional outrora reconhecido no ramo, mas destinado a morrer no anonimato em uma casa de repouso em Petrópolis. Consciente de que a fotografia evoca memória, distorcendo e esgarçando relações lineares de espaço-tempo, Winternigg, a partir de seus sensíveis registros, eternizou as ruínas de um mundo que já não mais existe. Nesse mesmo espírito de resistência à corrosão do tempo, a ficção de Krausz se inscreve em um lugar de esclarecido tributo à memória.

Essa profunda consciência do fazer literário encontra seu fulgor máximo no preciso desfecho do derradeiro capítulo de *Outro lugar*: “Ali [os livros] sucumbem, inexoravelmente, ao completo esquecimento, à perfeição consumada do oblívio”. Ciente da nova temporalidade em que se processam os fatos em nossa pós-cultura, em que se fragiliza a espontaneidade da memória coletiva, Krausz assume a urgência de construir, intencionalmente, um lugar de memória, de modo a perpetuar identidades e fixar valores. Assim, o ficcionista recusa o apagamento e a perecibilidade de relatos tantos que, enfrasados pelos procedimentos linguísticos de um saber quase intuitivo, firmam uma genuína escrita da ruína, a qual, ao contrário da histórica diáspora do povo judeu, marca um ponto de confluência – refúgio – de afetos e pertencimentos.